

POPULATION NEWS

Trends and attitudes

O problema da não renovação de gerações: seremos suficientes para cuidar dos idosos do futuro?

Mónica Borralho

Universidade de Évora)

O envelhecimento é uma situação inevitável, impossível de controlar o seu ritmo e até mesmo o seu acontecimento. Com o aumento da esperança de vida e, com isso, o aumento do número de pessoas com idades mais avançadas, é fundamental entender que na última fase da vida, grande parte do tempo é a lidar com doenças ou condições socioeconómicas precárias. Face a este panorama, os cuidados formais têm sofrido uma sobrecarga, e por isso, surge os cuidadores informais.

Antes de avançarmos nesta matéria é importante perceber o que influencia este fenómeno. Em primeiro lugar, temos a mortalidade que é influenciada por diversos fatores tais como a educação, higiene, medicina, economia e até os próprios comportamentos da sociedade (Cutler, Deaton e Lleras-Muney, 2006). A natureza destes fatores diverge de território para território, não obstante, de forma geral tem-se notado uma melhoria, consequência disso é o aumento da esperança de vida. Uma boa saúde é um dos critérios mais importantes para envelhecer de forma ativa e independente que vai resultar, inevitavelmente em qualidade de vida (Hoffmann e Nachtman, 2010). Assim sendo, o panorama a que assistimos atualmente é de baixas taxas de mortalidade que tem o seu lado positivo (mais longevidade) e o seu lado negativo (mais pessoas em idades frágeis que poderão sobrecarregar várias instituições sociais como a família e a economia). Outro fator que pode influenciar o envelhecimento é a fecundidade, que também este tem-se notado uma diminuição constante nas taxas. As baixas taxas de fecundidade podem ser explicadas pela modernização em que consiste numa melhoria dos métodos contraceptivos, presença na educação por períodos mais longos, o aumento da participação o mercado de trabalho em especial para as mulheres, a idade, a situação conjugal, os rendimentos, entre outros. Todos estes fatores vão levar a um adiamento das várias etapas da vida de cada um, nomeadamente a maternidade, o casamento (Cunha 2013; Tomé, 2015). Por fim, os fluxos migratórios também influenciam o envelhecimento, na medida em que há uma grande percentagem de indivíduos a entrar em Portugal na idade da reforma e a sair em idade ativa (Ghio, Goujon e Natale, 2022), estando relacionado com as qualificações e o sexo (Ribeiro, 2011).

Ora, se as baixas taxas de mortalidade e de fecundidade têm vindo a baixar de forma quase constante desde a década de 60, mais pessoas em idade ativa a sair do país ou a mudar-se para as zonas litorais, perpetuando o envelhecimento do país, a sociedade tem de moldar-se às novas necessidades e arranjar respostas para as colmatar. Com o aparecimento do Serviço Nacional de Saúde para toda a população de forma gratuita, o estado da saúde tem vindo a melhorar resultando no aumento da esperança média de vida (Nunes, 2017), provocando alterações na forma como experienciamos o viver e o envelhecer nas novas sociedades.



Quando se chega aos 65 anos, as pessoas podem esperar viver ainda mais 20 anos, sendo que a maior parte do tempo é a lidar com doenças e condições socioeconómicas precárias (Nunes e Nunes, 2016 in Nunes, 2017), podendo traduzir-se em aproximadamente 6 anos a viver de forma saudável (APAV, 2020).

Face a esta realidade, os cuidados formais tornam-se muitas vezes insuficientes, e surge então a ideia de cuidados informais para responder às necessidades. O que os difere é que os primeiros cuidados que praticam têm por base uma formação profissional, uma remuneração, e os segundos pode ou não ter uma remuneração e é prestada a vizinhos, familiares, amigos. Como isto se relaciona com o envelhecimento?

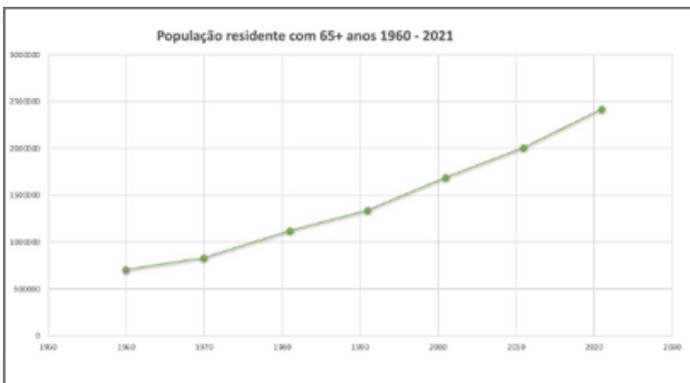
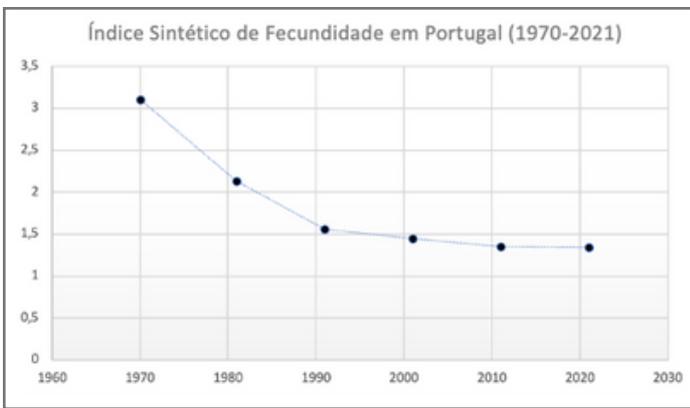
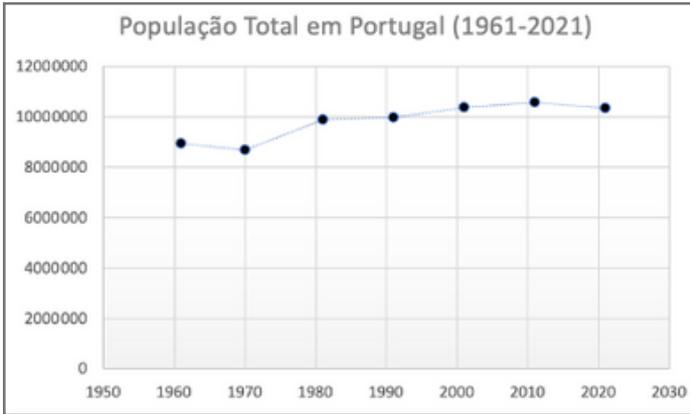
Alguns estudos mostram que os cuidados aos idosos são prestados, em muitos casos, por familiares numa base informal (Nossa, 2014). Basten (in Cave, Bubola e Sang-Hun, 2021) denomina de mecanismo cíclico o seguinte padrão: menos nascimentos resulta em menor número de nascimentos do sexo feminino, logo as últimas gerações terão menos filhos que os pais e avós. Atualmente, as mulheres, mais do que os homens, não cuidam apenas dos filhos e simultaneamente dos pais visto que é recorrente ver pessoas a ajudar amigos, avós, vizinhos (Patterson e Margolis, 2019) e isto faz com que a decisão de ter filhos seja adiada pela sobrecarga já existente sobre as mulheres. Este fenómeno de cuidados informais têm a tendência para diminuir à medida que se avança na idade (Patterson e Margolis, 2019) pois não há a renovação de gerações, sendo que o último ano em que se verificou tal fenómeno foi no ano de 1981.

Em 2017, a OCDE concluiu que cerca de 13,5% da população com 50+ anos cuida de uma pessoa idosa, das quais 7,2% com uma regularidade diária e 6,3% com uma regularidade semanal. Em 2019, o INE levou a cabo mais um dos seus inquéritos e concluiu que da população residente com 15 anos ou mais, 1.059.012 dos 10 milhões prestava cuidados informais semanalmente, sendo que a maior percentagem era do sexo feminino. Ainda com base nos dados disponibilizados pelo INE, em 2001, 61.096 do total de indivíduos com mais de 65 anos encontrava-se institucionalizados. Depois de 10 anos, houve um aumento no número de idosos sendo que apenas 84.647 estavam institucionalizados. Em 2021, 108.335 pessoas com mais de 65 anos institucionalizados para um total de 2.424.122 idosos, ou seja, nos últimos anos mais de 50% não recebe cuidados formais recaindo esta função para familiares.

Segundo os gráficos apresentados podemos concluir que a população tem a tendência para aumentar, não porque o índice sintético de fecundidade esteja a aumentar, mas sim porque as pessoas vivem mais tempo. Se o número de pessoas com 65 ou mais anos está a aumentar, então significa que o número de pessoas que irão precisar de cuidados irá inevitavelmente aumentar[1] e não haverá pessoas suficientes para cuidar dos que precisam se o cenário atual não se inverter de forma a evitar a sobrecarregar igualmente os nossos idosos. Em 2021, o Índice de envelhecimento era de 182,1, ou seja, temos 182 idosos para 100 jovens. Ora, neste momento temos cerca de 1 milhão de indivíduos entre os 0 e os 14 anos e aproximadamente 6 milhões de indivíduos entre os 15 e os 64 anos. Pode não parecer problemático para já, no entanto se tivermos em mente que este grupo dos 15 aos 64 irá avançar para o grupo de 65+ anos e o grupo de 0 aos 14 para o grupo de 15-64 anos (idades em que as pessoas pensam em construir família, estabilizar a vida), teremos cerca de 5x mais pessoas a eventualmente precisar de cuidados no futuro do que aqueles que estarão disponíveis para efetivamente os prestar.



Figura 1: População total em Portugal, ISF e população residente com mais de 65 anos



Publisher Laboratory of Demography, CIDEHUS-UÉ, Portugal **Contact** demographylab@uevora.pt **Main Editor** Lídia P. Tomé **Design** Luísa Rocha
Citation Borralho, M. (2023). O problema da não renovação de gerações: seremos suficientes para cuidar dos idosos no futuro. Population News, Trends and Attitudes n.º12, December, pp. 1-3 **ISSN** 2184 - 1330